

A COZINHA DE PEDRA DO SÍTIO ROBERTO BURLE MARX

Uma experiência fenomenológica de jardim

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA
GESTÃO DA PAISAGEM

Laura Mota de Andrade
Universidade Federal de Pernambuco
E-mail: laura.mota.acad@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo compreender o Sítio Roberto Burle Marx, em especial sua Cozinha de Pedra, enquanto lugar, à luz dos conceitos fenomenológicos de *anchoring* e *intertwining*, de Steven Holl, e da utilização de planos horizontais como definidores de espaço, de David Leatherbarrow. Para tanto, compara-se a descrição física desse ambiente com as sensações por ele causadas em visita realizada ao local em 2022. Nota-se, então, quão indissociável a Cozinha de Pedra é de seu entorno, num projeto que a ancora e entrelaça ao meio em que ela se insere.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem; Fenomenologia; Burle Marx; Cozinha de Pedra.

ABSTRACT

This article intends to understand the Sítio Roberto Burle Marx, especially its Stone Kitchen, as a place, considering Steven Holl's phenomenological concepts of anchoring and intertwining, and David Leatherbarrow's use of horizontal planes as space definers. To this end, it compares the physical description of this environment with the sensations it evoked during a visit to the site in 2022. It becomes clear how inseparable the Stone Kitchen is from its surroundings, in a project that anchors and intertwines it with the environment in which it is situated.

KEYWORDS: Landscape; Phenomenology; Burle Marx; Stone Kitchen.

1 UM GÊNIO CRIADOR E SEU SÍTIO DE EXPERIMENTAÇÃO

Conhecido como um dos criadores do jardim moderno, Roberto Burle Marx foi um grande multiartista brasileiro: paisagista, artista plástico, cantor, cozinheiro, jardineiro. Burle Marx também fez importantes contribuições ao campo da botânica através de seus estudos da flora nativa e expedições a diferentes biomas do Brasil, inclusive descobrindo novas espécies de plantas.

Um homem das artes e da ciência, Burle Marx demonstrou o valor paisagístico da flora brasileira, incorporando-a em seus jardins, e estudou cuidadosamente as associações que ocorrem entre diferentes espécies de plantas e a maneira como elas se comportam em seus habitats, de modo que adquiriu extenso conhecimento botânico. Tal conhecimento garantiu qualidade e longevidade a seus jardins, uma vez que ele compreendia que espécies teriam a capacidade de se desenvolver em cada localidade, quais tipos de vegetação se beneficiariam sendo colocadas juntas e como o sistema criado no jardim atuaria com o passar do tempo, tanto estética quanto biologicamente (Storino; Siqueira, 2020).



Esse profundo saber botânico que Burle Marx possuía apenas pôde ser desenvolvido através de seu intenso interesse pela rica flora brasileira, que o levou a colecionar indivíduos de espécies vegetais, podendo apreender o funcionamento de cada uma ao reproduzi-las e acompanhar seus ciclos de vida. Sua considerável coleção conta com mais de 3,5 mil espécies e, para poder mantê-la e expandi-la, Roberto e Guilherme Siegfried Burle Marx, seu irmão, procuram um espaço que pudesse servir de viveiro para essa flora e como canteiro de experimentação para o paisagista (Storino; Siqueira, 2020; Sítio Roberto Burle Marx, 2025b).

Desta forma, buscaram por anos um local com a presença de: “boa diversidade morfológica; rochas afloradas; água abundante; solo adequado; ambiente de entorno suficientemente íntegro e protegido da especulação imobiliária” (Storino; Siqueira, 2020, p. 74) – ou seja, um local capaz de abrigar tamanha diversidade de plantas, oferecendo variados ambientes, e que pudesse ser mantido tal como fora planejado ao longo dos anos. Encontraram tais requisitos em terrenos remanescentes da antiga Fazenda da Bica, situada no bairro de Barra de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro (RJ). Os terrenos foram adquiridos no período entre 1949 e 1981, sendo incorporados ao que viria a ser conhecido como Sítio Santo Antônio da Bica, última residência de Burle Marx (Storino; Siqueira, 2020).

À medida em que compravam os terrenos, os irmãos iam estabelecendo toda a infraestrutura necessária para o uso proposto de viveiro de plantas, bem como reparando construções já existentes, construindo edificações novas e preparando as áreas ajardinadas (Storino; Siqueira, 2020). Assim, o Sítio foi, aos poucos, tomando forma, sendo construído para coexistir com a preexistência do lugar. A área de mais de 40 hectares apresenta vegetação nativa típica de manguezais, de áreas de restinga e de Mata Atlântica – sendo esta última mais proeminente – e os jardins criados por Burle Marx se encaixam tão bem entre as edificações e a vegetação nativa, quase que encrustados naquele lugar, que é impensável o Sítio sem sua presença (Gandra, 2023; Storino; Siqueira, 2020).

Em 1985, Burle Marx doou seu Sítio ao governo federal ainda em vida, mudando seu nome para Sítio Roberto Burle Marx (SRBM), objetivando a continuidade e salvaguarda da propriedade e das coleções nela abrigadas após a sua morte fixando o foco da instituição em elaborar e compartilhar pesquisas nas áreas de paisagismo e conservação ambiental, garantindo também a permanência dos jardineiros treinados por ele no Sítio, agora como servidores federais. Assim, o sítio passou a fazer parte da Fundação Nacional Pró-Memória, uma autarquia relacionada ao Ministério da Cultura, a qual foi “sucédida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em cuja estrutura administrativa figura hoje na categoria de Unidade Especial” (Storino; Siqueira, 2020, p. 68). Anos depois, em 2021, o Sítio foi reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO (UNESCO, 2021).

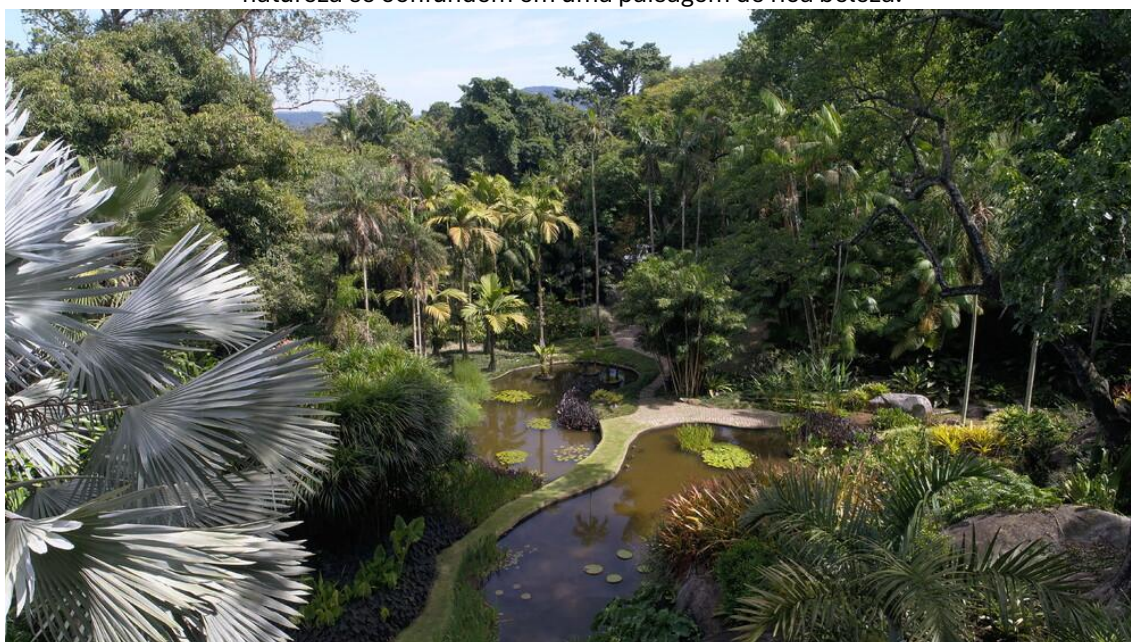
Atualmente, o SRBM tem por objetivos o desenvolvimento e a divulgação de pesquisas nas áreas de paisagismo, das artes e da conservação ambiental, seguindo o exemplo de seu criador. Ele é aberto a visitas, e pode-se conhecer não apenas seus jardins e viveiros, mas também o ateliê e as outras edificações que formaram a residência de Roberto Burle Marx, com objetos pessoais do paisagista e suas impressionantes coleções de obras de arte, artesanato, até mesmo de conchas (Storino; Siqueira, 2020).

No ano de 2022, a autora teve a oportunidade de visitar o SRBM e constatar, através da própria percepção, a profunda conexão entre o natural e o humanizado presente no Sítio. De fato, essa polarização parece não existir, uma vez que, ainda que seja possível

identificar áreas e elementos puramente naturais ou puramente humanizados, é muito difícil – para não dizer impossível – delimitar o que é natureza e o que é criação humana. A transição entre uma esfera e outra, por assim dizer, é feita de forma tão sutil, tão gradual, que não se consegue separar uma da outra: a vivência do Sítio é uma experiência única e contínua (Figura 1). Como explica Besse, e pratica Burle Marx:

A paisagem é ao mesmo tempo, e essencialmente, totalmente natural e totalmente cultural. É o elemento onde a humanidade se naturaliza e onde a natureza se humaniza (e se simboliza). E é o que invalida, no fundo, por princípio, qualquer abordagem unilateral da paisagem, seja ela “antropocentrada” ou “naturalista”: a paisagem deve ser definida, mais rigorosamente, como meio (2014, p. 41 e 42).

Figura 1: Vista aérea de um dos lagos do SRBM. Pode-se perceber como criação humana e natureza se confundem em uma paisagem de rica beleza.



Fonte: IPHAN/SRBM. Autor: Diego Rodriguez Crescêncio. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/documents/181571>.

De acordo com Steven Holl (1991), arquiteto e teórico da fenomenologia, um dos princípios para uma boa arquitetura é o conceito de *anchoring* (ou, ancoragem, em tradução livre). Ancorar o edifício a um espaço não é meramente uma ação física, como construir uma fundação, mas também respeitar o que já existia ali, sua bagagem cultural, sua fisicalidade. É projetar uma obra que não poderia existir em outro ambiente, vinculá-lo ao local de tal forma que um seja intrínseco ao outro e criando, assim, um lugar. Pode-se afirmar, então, que o Sítio Roberto Burle Marx é um lugar por excelência, visto que é indissociável de localidade que ocupa, e se firma cada vez mais com a passagem do tempo (Figura 2).

Figura 2: Vista do ateliê de Burle Marx. O desgaste de seu material e a vegetação já bem estabelecida em seu entorno evocam a sensação de que ambos sempre estiveram ali, unidos, pertencentes àquele lugar.



Fonte: IPHAN/SRBM. Autor: Oscar Liberal. Disponível em:
<https://whc.unesco.org/en/documents/181578>.

Holl também discute o caráter do tempo na arquitetura em seu conceito de *intertwining* (entrelaçamento, tradução livre), a maneira como o sujeito é envolvido pela obra arquitetônica, pelas diferentes percepções que ela evoca. Segundo o autor, o tempo se faz necessário para possibilitar a percepção de um lugar ao se percorrê-lo e atravessá-lo, mas também ao se projetar um edifício que perdura ao longo do tempo com intencionalidade, pensando em como seus elementos materiais se comportam ao envelhecer (Holl, 1996). Em ambos os sentidos, o tempo é essencial a um jardim. Tendo em vista que os principais elementos que os compõe são, em sua maioria, seres vivos, o auge de um jardim (tal qual o foi projetado para ser) pode demorar anos para ser alcançado, portanto, as relações criadas entre jardim, preexistência e edificação apenas se mostram como intencionadas após seu estabelecimento. Por outro lado, é preciso se ter tempo de vivenciar e explorar um jardim para percebê-lo e compreendê-lo. Sobre a relação entre tempo e jardim, Burle Marx afirma:

Um jardim é sempre um problema de tempo. O tempo completa as ideias (...) você precisa compreender o jardim ao atravessá-lo, como você atravessa uma escultura. (...) Um jardim nunca será um problema bidimensional. Ele é um problema tridimensional e, mais que isso, ele possui uma quarta dimensão, na medida em que você atravessa o tempo e o espaço (1992, apud Storino e Siqueira, 2020).

2 A COZINHA DE PEDRA, AMBIENTE DE ENCONTRO E DE CONTEMPLAÇÃO

Dentre os diversos lugares existentes no Sítio, um dos que mais chamou a atenção da autora em sua visita foi a chamada Cozinha de Pedra, espaço próximo à fachada posterior da Casa de Roberto. Projeto de Francisco Rubem Breitman e Haroldo Barroso Beltrão – premiado em 1963 pelo Instituto de Arquitetos do Brasil sob o nome de “Pavilhão Roberto Burle Marx” – a Cozinha de Pedra foi construída com o objetivo de ser utilizada pelo paisagista como salão de festas, já que ele adorava receber os amigos em casa e, de fato, a Cozinha foi local de diversos banquetes organizados por Burle Marx e seu cozinheiro, Cleófas César da Silva (Storino; Siqueira, 2020; Sítio Roberto Burle Marx, 2025a). No mapa esquemático da Figura 3, representando o Sítio, ela é identificada pelo número 8.

Figura 3: Esquema apresentando a localização das edificações do SRBM. A Cozinha de Pedra é representada pelo número 8, e pode ser acessada a partir da Casa de Roberto ou da *loggia* que o paisagista usava como espaço de pintura (7 e 6, respectivamente).

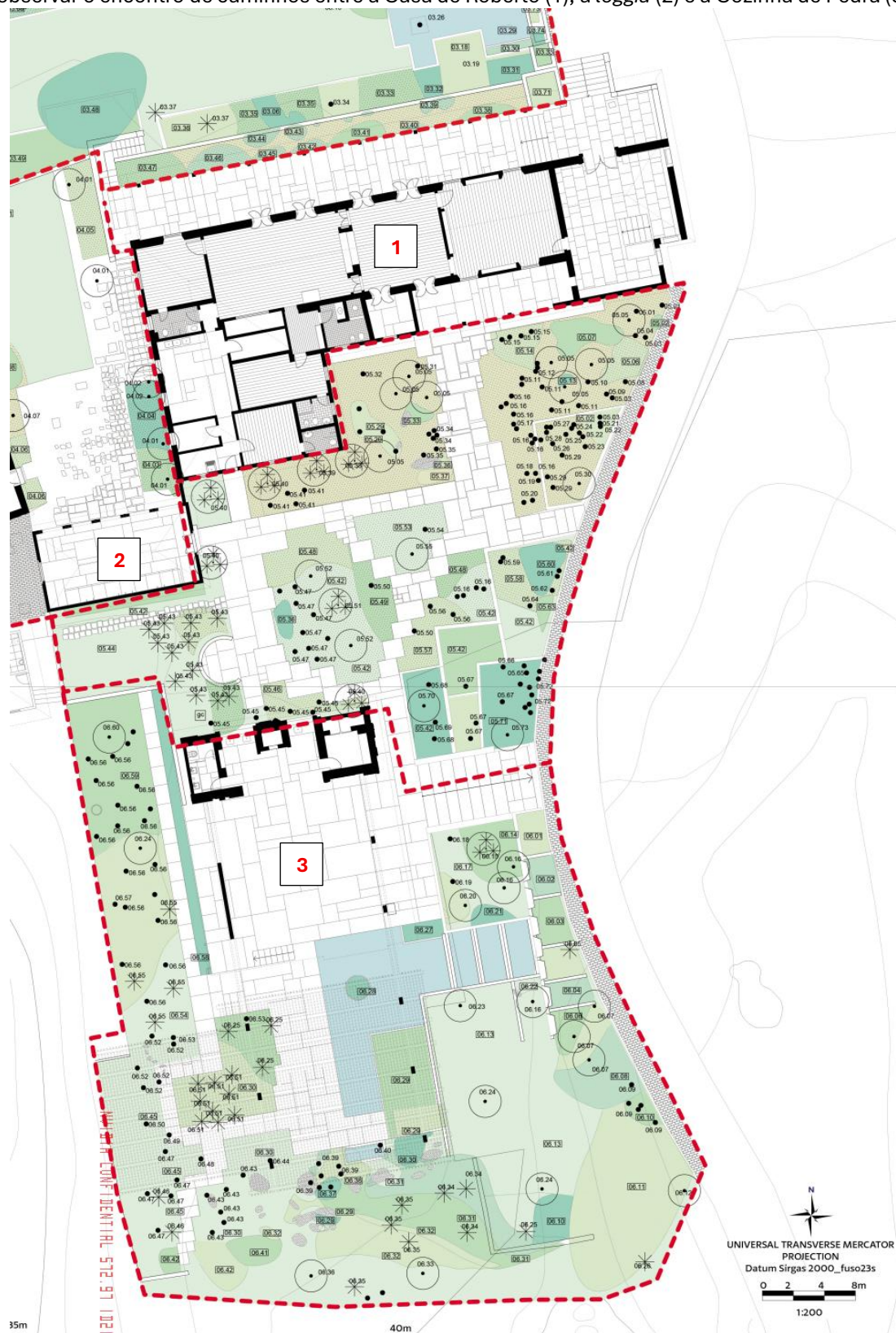


Fonte: Storino; Siqueira, 2020, p. 134 e 135.

A Cozinha de Pedra pode ser acessada através da Casa de Roberto ou da *loggia* construída ao lado da residência como espaço de pintura para o paisagista (Figura 4). Ambos os caminhos culminam em um jardim de seixos rolados utilizado por Burle Marx para espécies adaptadas a climas mais áridos (Figuras 5 e 6) – utilizando-se do aquecimento das rochas ao sol para propiciar um meio adequado às espécies – que se destaca em meio a uma vegetação mais exuberante e tropical em seu entorno, ressaltando também a Casa.

Após o jardim, há uma escadaria que leva à entrada mais próxima do salão, onde se concentram as áreas de serviço do espaço (banheiro e despensa). A estrutura parece se camuflar no caminho que lhe dá acesso através do uso de materiais similares aos do piso e dos canteiros na entrada e do seu pé direito baixo, gerando um volume singelo, quase tímido, à primeira vista (Figura 7) – como uma caverna escondida na vegetação. Percebe-se o edifício como pertencente àquele espaço, e, nele, se ancora em unidade com seu entorno, criando um lugar.

Figura 4: Trecho da planta baixa dos jardins no entorno da casa principal do SRBM. Nele, pode-se observar o encontro de caminhos entre a Casa de Roberto (1), a *loggia* (2) e a Cozinha de Pedra (3).



Fonte: Sítio Roberto Burle Marx, 2020. Numeração feita pela autora.

Figura 5: Caminho para o jardim de trás da residência, indo em direção à loggia. À direita, vê-se a Casa de Roberto.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto tirada em 2022.

Figura 6: Vistas do jardim de vegetação de clima árido atrás da residência de Burle Marx. Ele faz a ligação entre a Casa, a loggia e a Cozinha de Pedra.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotos tiradas em 2022.

Figura 7: Entrada da Cozinha de Pedra voltada para a Casa de Roberto. Nota-se a maneira como o piso se confunde com a cantaria das paredes da parte de serviços do salão, mantendo uma continuidade de cor e textura que ajuda a situar o edifício nesse contexto. Observa-se também o jogo de sombras das copas das árvores que se repete mais à frente com a pérgola.

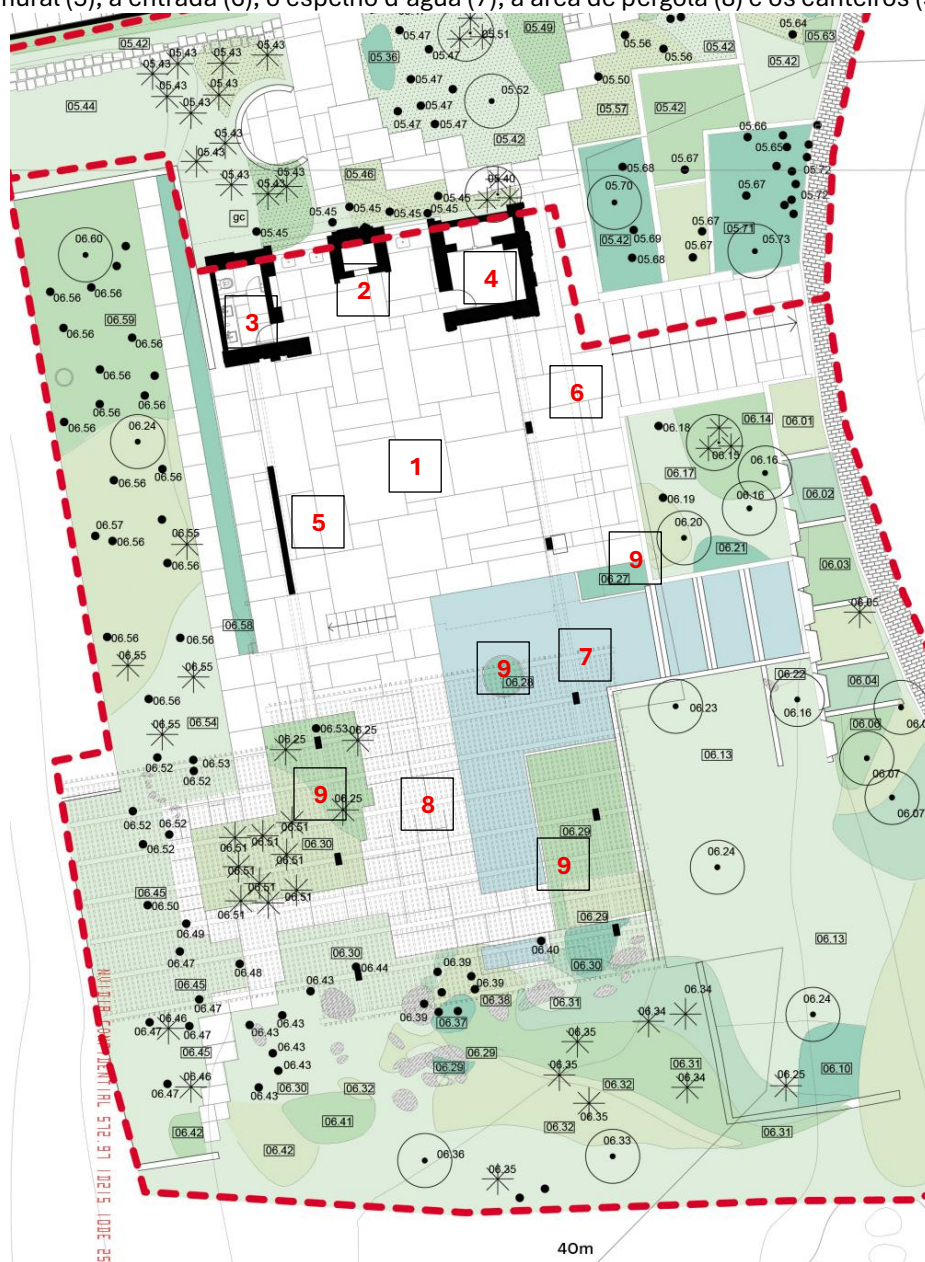


Fonte: SRBM. Autor: Oscar Liberal. Disponível em: <https://sitioburle marx.org/espaco/cozinha-de-pedra/>

A Cozinha de Pedra (Figura 8) apresenta dois ambientes principais: o primeiro espaço é o salão de festas (1) aberto para três lados, coberto por uma laje de concreto armado sustentada por pilares do mesmo material, sobre a qual existe um espelho d'água. A disposição desse espaço centraliza o forno à lenha (2) na lateral oposta à descida para o jardim (3). Essa estrutura é emoldurada pelo trabalho de cantaria que reveste os blocos de banheiro (3) e despensa (4), numa bela composição. Há ainda um mural de autoria de Burle Marx (5) de frente à entrada do salão (6), cujo tom predominante é um intenso vermelho que se destaca do verde da vegetação ao fundo.

Já o segundo espaço é o jardim de plantas tropicais com um segundo espelho d'água (7), encimado por uma pérgola com trepadeiras de flor-de-jade (8), e canteiros que destacam sua vegetação no ambiente (9), contrastando os planos horizontais do piso e do espelho com o “brotar” do volume das plantas. O que separa esses ambientes é uma diferença de nível vencida por oito degraus; essa passagem de um pé direito mais baixo para um mais alto, aliada à transição da sombra da laje no meio salão para a área de penumbra na suas laterais e o jardim, que já apresenta a luz do sol, descrevem um percurso semelhante ao atravessar de uma caverna, escura e enclausurada, para chegar a uma floresta que se estende pela altura de suas árvores. Uma cortina d'água vinda do topo da laje finaliza o espaço, permitindo a visão dos dois lados e embaçando-a ao mesmo tempo, tal qual um vidro translúcido, além de abafar os sons entre um espaço e o outro, ecoando pelo salão.

Figura 8: Trecho da planta baixa dos jardins no entorno da casa principal do SRBM, focado na área da Cozinha de Pedra. Nela, tem-se o salão (1), o forno à lenha (2), o banheiro (3), a despensa (4), o mural (5), a entrada (6), o espelho d'água (7), a área de pérgola (8) e os canteiros (9).



Fonte: Sítio Roberto Burle Marx, 2020. Numeração feita pela autora.

Segundo David Leatherbarrow (2000), um elemento da arquitetura que costumava ser negligenciado pelos próprios arquitetos ao se projetar eram os planos horizontais e sua capacidade de definir espaços sem depender de divisórias verticais (paredes e afins). O autor afirma que, com o avançar das tecnologias construtivas, começa-se a minimizar os planos verticais e a valorizar os horizontais, abrindo ambientes internos para o exterior, e argumenta que um espaço constituído pela manipulação de seus níveis horizontais (construídos e existentes) pode ser muito mais complexo de se projetar, mas também muito mais rico em experiências e sensações.

A Cozinha de Pedra do Sítio exemplifica bem o pensamento de Leatherbarrow ao ter seu espaço definido primariamente pelo jogo de seus planos horizontais: o piso de cantaria e a cobertura de laje balizam o salão, enquanto o desnível entre pisos o separa do jardim. Este, por sua vez, se define no espaço entre piso e pérgola. No entanto, ainda que delimitem salão e jardim, tais elementos também permitem a continuidade dos horizontes do espaço, lhe proporcionam amplitude, conectam o interior mais escuro e intimista do salão com o exterior expansivo e exuberante do jardim, ampliado pelo pé direito mais alto (Figura 9).

Figura 9: O jogo de composição entre os planos horizontais que definem o espaço da Cozinha de Pedra. A mudança da laje para a pérgola e o desnível entre salão e jardim definem diferentes ambientes, mas mantêm uma continuidade. Ao fundo, vê-se o forno à lenha ladeado pelos blocos de serviço com revestimento de cantaria.

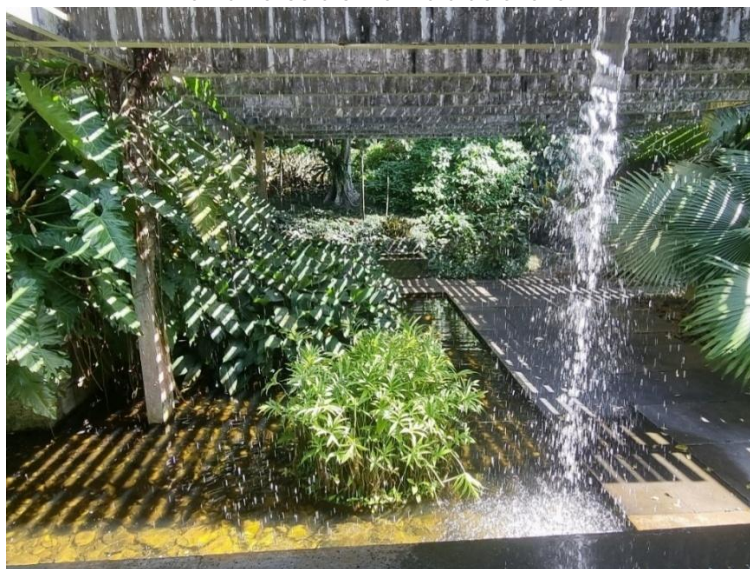


Fonte: SRBM. Autor: Oscar Liberal. Disponível em: <https://sitioburle marx.org/espaco/cozinha-de-pedra/>

Dentre os elementos que compõe a Cozinha, alguns chamam mais a atenção ao se experienciar esse lugar, formando, juntos, sua ambiência. São eles: (i) a composição de piso e canteiros – com vegetação predominantemente tropical, que dialoga com a vegetação originária do local, os filodendros; (ii) as texturas de luz e sombra criadas tanto pela luz do sol atravessando a pérgola – semelhantes ao efeito gerado pela mesma luz em contato com as copas das árvores – quanto pelo contraste entre sombra no meio do salão e penumbra em suas laterais; e (iii) os característicos sons da cascata e da cortina d'água que caem no espelho d'água do jardim, que estavam no projeto original, mas somente foram colocadas para funcionar em 2011, após a morte de Burle Marx (IPHAN, 2011).

A área do jardim atua como um filtro entre o claramente construído (o salão) e a aparente natureza intocada (o entorno tropical se assemelha a uma mata, embora seja área de coleção de espécies – e não um conjunto espontâneo). Seu trabalho de piso faz a transição do solo natural à cantaria do salão, os canteiros com espécies tropicais criam um degradê do adensamento mais orgânico de vegetação do entorno ao ordenamento mais regular do jardim, as sombras da pérgola remetem ao jogo de luz e sombra criado pelas copas das árvores em uma mata, ainda que apresentando formas ritmadas e racionais. Até mesmo a cortina d'água introduz o som e a textura da chuva, elemento sempre presente em áreas de mata (Figuras 9 a 12).

Figura 10: Efeito da cortina d'água entre salão e jardim. Tem-se a percepção de se estar no meio de uma floresta em um dia de chuva.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto tirada em 2022.

Figura 11: Conexão entre o jardim da Cozinha de Pedra e a mata ao fundo, mantendo uma continuidade de vegetação.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto tirada em 2022.

Figura 12: Vista panorâmica dos canteiros que compõem o jardim da Cozinha de Pedra, demonstrando seu caráter de floresta tropical em consonância com a vegetação preexistente ao fundo e na lateral esquerda (conjunto de filodendros).



Fonte: O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/boa-viagem/candidato-patrimonio-mundial-da-unesco-sitio-roberto-burle-marx-reabre-com-cara-nova-24837217>.

Figura 13: Trepadeiras de flor-de-jade pendendo da pérgola da Cozinha de Pedra.



Fonte: Storino; Siqueira, 2020, p. 36.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do exposto, é possível afirmar que a Cozinha de Pedra presente no SRBM é um lugar, uma vez que se alia a seu contexto, criando uma sensação de continuidade de cenários em seus visitantes ao vincular a pré-existência do local ao salão de festas do Sítio utilizando-se de elementos comuns aos dois para fazer uma sutil transição entre eles, ancorando a Cozinha ali.

Observa-se também a importância do percorrer no espaço e no tempo para se compreender a ambiência desse lugar: é necessário atravessar e ser atravessado por ele – se deixar entrelaçar – para ter a percepção de suas sombras, de seus sons e de suas texturas, essenciais para o entendimento dele enquanto uma representação ordenada do que é uma caminhada na mata, uma experiência geralmente casual traduzida para a formalidade de um salão de festas, trazendo uma ideia de aconchego que esse tipo não costuma ter.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (PPG-MDU) da Universidade Federal de Pernambuco, em especial ao professor Doutor Fernando Diniz Moreira, pela oportunidade de conhecer e me encantar pelo estudo da fenomenologia aplicada ao campo de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. Tradução de: Annie Cambe.

GANDRA, Alana. Especialistas discutem conservação dos jardins do Sítio Burle Marx: plano de gestão da unidade será entregue no ano que vem à unesco. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, n.p. 29 set. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/especialistas-discutem-conservacao-dos-jardins-do-sitio-burle-marx#:~:text=O%20Sitio%20Roberto%20Burle%20Marx,qual%20est%C3%A1%20subordinada%20a%20unidade..> Acesso em: 14 jul. 2025.

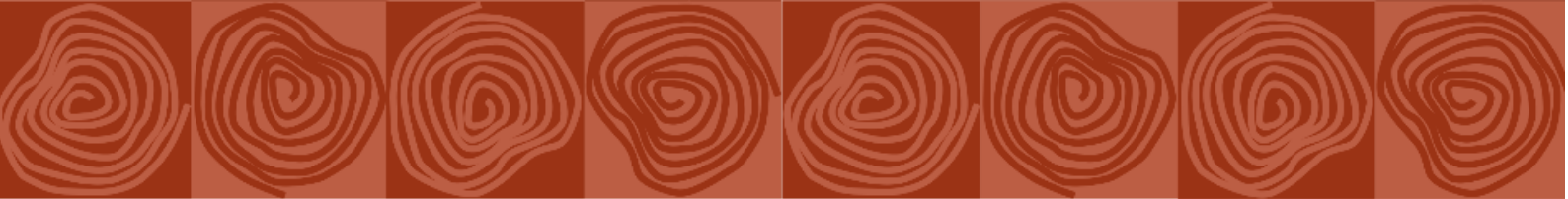
HOLL, Steven. **Anchoring**. 3ª Ed. Nova York: Princeton Architectural Press, 1991.

HOLL, Steven. **Intertwining**. Nova York: Princeton Architectural Press, 1996.

IPHAN. **Novidades no Sítio Roberto Burle Marx**. 2011. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1210/novidades-no-sitio-roberto-burle-marx>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LEATHERBARROW, David. **UNCOMMON GROUND**: architecture, technology, and topography. Cambridge: The MIT Press, 2000.

MAIA, Eduardo. **Candidato a Patrimônio Mundial da Unesco, Sítio Roberto Burle Marx reabre com cara nova**: espaço na zona oeste do rio abriga a coleção com mais de 3.500 espécies de plantas do renomado paisagista brasileiro. Espaço na Zona Oeste do Rio abriga a coleção com mais de 3.500 espécies de plantas do renomado paisagista brasileiro. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/boa-viagem/candidato->



patrimonio-mundial-da-unesco-sitio-roberto-burle-marx-reabre-com-cara-nova-24837217. Acesso em: 17 jul. 2025.

SÍTIO ROBERTO BURLE MARX (Rio de Janeiro). Iphan. **Cozinha de Pedra**. Disponível em: <https://sitioburlemarx.org/espaco/cozinha-de-pedra/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SÍTIO ROBERTO BURLE MARX (Rio de Janeiro). Iphan. **História**. Disponível em: <https://sitioburlemarx.org/historia/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

SÍTIO ROBERTO BURLE MARX. **Plan of the gardens**: main house gardens. Planta Baixa. [S.l.]: [s.n.], 2020. Escala 1:200. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1620/documents/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

STORINO, Claudia; SIQUEIRA, Vera Beatriz (org.). **Sítio Roberto Burle Marx**. Rio de Janeiro: Intermuseus, 2020. Disponível em: <https://www.intermuseus.org.br/livro-sitio-roberto-burle-marx>. Acesso em: 01 jul. 2025.

UNESCO. **Sítio Roberto Burle Marx**. 2021. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1620>. Acesso em: 15 jul. 2025.